

# Manuel Gomes de Lima Bezerra: o discurso ilustrado pela dignificação da cirurgia

Pedro Vilas Boas Tavares  
Universidade do Porto – CITCEM

DD.  
afectuosamente  
a seu Pai,  
à sabedoria e bondade  
do mais amável mestre das ciências hipocráticas

Apresentamos nas despretensiosas notas que se seguem a evocação de um expressivo exemplo de discurso ilustrado pela dignificação da cirurgia. Não apenas pela dignificação – social e política – da cirurgia, mas de toda a forma de perspectivar, fazer e ensinar ciência no nosso país. O protagonista foi um «doutor filósofo», «pontelicense» (uma das suas fórmulas de apresentação escolhidas), que foi desempoeirado europeu e homem de cultura do seu tempo. A paixão pedagógica e reformadora, o grande patriotismo e sentido de utilidade pública, o amor à terra natal, e o legado ao país de uma grande e precursora obra científica, são talvez os mais relevantes traços da vida e obra desta marcante personalidade.

Efectivamente, trata-se de um «filósofo», no sentido que o termo tinha no século das «Luzes». Estamos perante um erudito a quem nenhuma área do saber referente ao homem e à sociedade era indiferente, fosse esse saber teórico, de extracção livresca ou «escolástica», ou resultante da observação directa e experimental dos fenómenos, de acordo com os ditames da «filosofia natural». Todavia, não obstante a universalidade e generalidade desses seus interesses, foi, simultaneamente, um intelectual de saberes e aplicações científicas especializadas, com particular realce na cirurgia e medicina. Nestes domínios foi um estrénuo renovador dos métodos de ensino, procurando beneficiar o país com o conhecimento de soluções já então testadas com êxito nas zonas mais polidas e «iluminadas» da Europa.

Entre outras benemerências que referiremos, note-se que estamos a falar do fundador da imprensa médica especializada e das primeiras academias médico-cirúrgicas experimentais do nosso país, concebidas como placas giratórias de um permanente intercâmbio científico com prestigiadas instituições europeias congéneres.

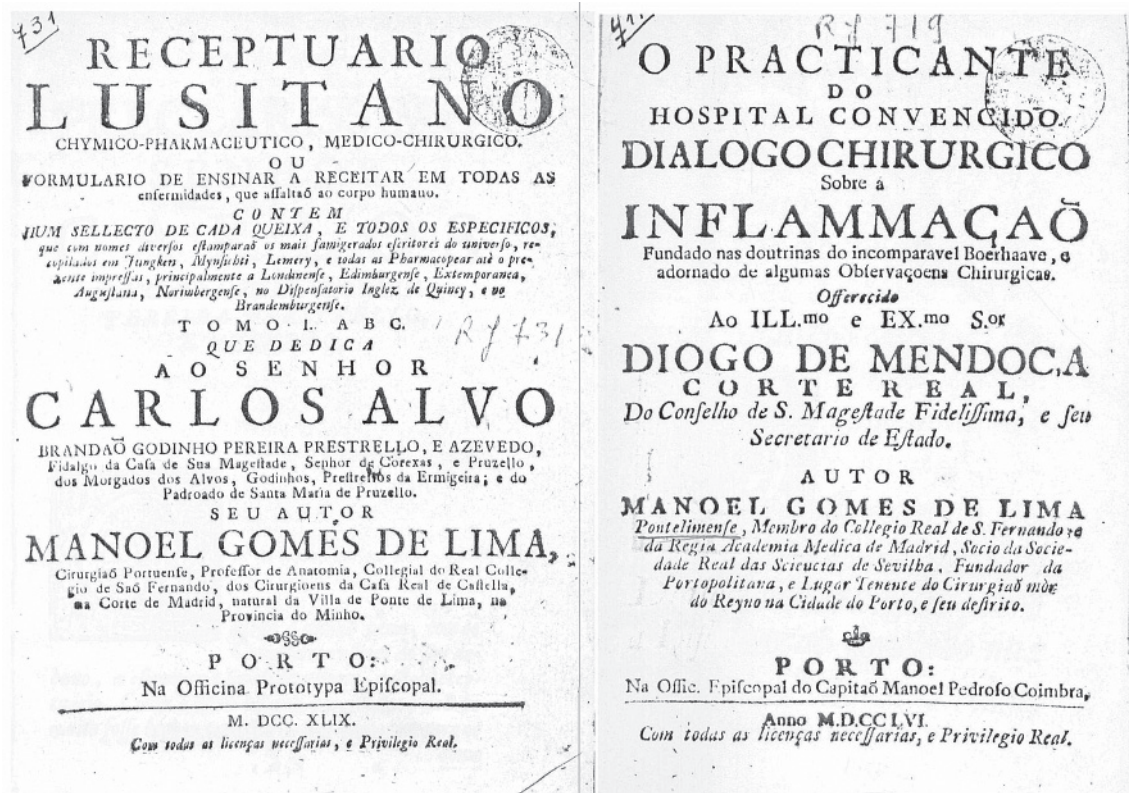
A sumária «ficha» individual *de genere* deste intelectual é conhecida: Manuel Gomes de Lima Bezerra nasceu a 4 de Janeiro de 1727 na Freguesia de Santa Marinha de Arcozelo, de Ponte de Lima, filho de João Gomes de

Lima e Rosa da Silva Bezerra, filha natural de Manuel Gomes de Mesquita, senhor da Torre de São Gil de Perre (Concelho de Viana do Castelo). Futuramente, valeria a pena tentar perceber melhor o natural influxo dos seus antecedentes e meio familiar no riquíssimo percurso curricular que lhe foi dado viver.

Na vila natal realizou estudos preparatórios de latim e filosofia. Em Viana estudou cirurgia com os cirurgiões Manuel de Amorim Dantas e José Custódio da Costa, este último cirurgião-mor dos regimentos da Província do Minho e Juiz Comissário do Cirurgião-Mor do Reino.

Tendo embora começado auspiciosamente a sua formação, Lima Bezerra nunca deixaria de lhe tentar dilatar os horizontes. Visando aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos, depois de curta passagem pelo Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, veio para o Porto, e aqui enriqueceu a sua competência cirúrgica, tendo como mestres Nicols e Werton, dois conceituados cirurgiões do hospital inglês da cidade.

Ainda muito jovem, a par da clínica, que no Porto continuou a exercer no hospital inglês, entregou-se a uma intensa actividade de associativismo, intercâmbio, renovação e divulgação científica. Segundo o seu próprio testemunho, aos dezoito anos, com furor juvenil e inexperiência, compôs o primeiro volume dos seus escritos médico-cirúrgicos<sup>1</sup>.



Rostos do *Receptuario Lusitano*, Porto, Of. Prototypa Episcopal, 1749, e de *O Practicante do Hospital Convencido*, Porto, Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1756

<sup>1</sup> O infra referido *Receptuario Lusitano*, Porto, Of. Prototypa Episcopal, 1749, Prólogo, 1. Como se lê no seu rosto, tratava esta obra «da Theoria e Pratica de 29 enfermidades, quase todas Chirurgicas, tratadas alfabeticamente até à letra D inclusive, cada huma com muitos remédios dos autores antigos e modernos».

Efectivamente, tentando concretizar uma iniciativa idêntica do anatomista catalão Dr. António Monrava y Rocca, que em Lisboa, anteriormente, tentara sem êxito constituir uma academia cirúrgica, Gomes de Lima logra ver fundada no Porto, em princípios de 1748, uma agremiação científica denominada *Real Academia Cirúrgica Prototypo-Lusitanica Portuense*, por si suscitada e impulsionada.

Propunha-se esta academia, com as suas actividades, contribuir para a urgente necessidade de elevar o nível dos conhecimentos médicos e cirúrgicos no nosso país, beneficiando para tal, particularmente, de uma prevista rede de alargadas correspondências com sociedades científicas europeias congêneres. Com efeito, ao contrário da relativa suficiência do Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, no Porto e noutras localidades do país o ensino cirúrgico era deplorável. No Hospital da Misericórdia portuense os praticantes sujeitavam-se a cursos de dois a quatro anos, acompanhando a clínica de um dos cirurgiões da instituição. Mas, apesar de aprovados pelo cirurgião-mor do reino, os alunos apenas contactavam com uma espécie de «múmia» mal conservada, no estudo da osteologia apenas contemplavam a descrição de alguns ossos, viam dissecar apenas dois músculos, e a anatomia prática dos principais órgãos «era inteiramente ignorada»<sup>2</sup>.

Litígios e dissensões internas cedo o afastaram desta nascente e, sem o seu concurso, efêmera academia. O termo abrupto desta primeira agremiação cirúrgica portuense ter-se-ia ficado a dever, em grande medida, ao facto de o rei D. João V, em 5 de Setembro de 1748, ter aprovado os respectivos *Estatutos* com excepção do ponto (n.º 14), onde se previa que aqueles sócios teriam preferência nos «partidos reais». Ora, quando viram negada tal pretensão, a maior parte dos membros terá pura e simplesmente desertado da academia<sup>3</sup>. Mas, logo no ano seguinte, no qual passou a ser *Colegial do Real Colégio de S. Fernando, de Madrid*, e *Sócio da Sociedade Real das Ciências, de Sevilha*, Manuel Gomes de Lima, de parceria com o Dr. João de Carvalho Salazar, constituiu a *Academia Médico-Portopolitana*, colocada sob o alto patrocínio do Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, irmão do monarca reinante.

Nos termos dos Estatutos, «arregrados às Leis das melhores sociedades da Europa», e redigidos pelo próprio punho do cirurgião limarense, intentaria a «sociedade portopolitana dos imitadores da natureza» o «aumento das faculdades médica e suas ministras, seguindo as máximas da natureza, os experimentos práticos e o método experimental racional», abandonando as ideias físicas contrárias à experiência e aos «fenómenos do macrocosmo e do microcosmo».

Nesse mesmo ano de 1749 publica o primeiro tomo do *Receptuario Lusitano*, espécie de *vade-mecum* com ensinamentos teóricos e práticos sobre varias enfermidades ordenadas alfabeticamente, o primeiro tomo «de huma collecção que o Autor fez de vários remédios especiosos, com que observou successos felices na França, Inglaterra e na Espanha por onde viajou e assistiu algum tempo», e faz publicar o *Zodiaco Lusitanico*, escrito à imitação do *Zodiacus Medico-Gallicus*, de Genebra, nada mais, nada menos, neste caso, do que o primeiro periódico de medicina aparecido em Portugal. Um outro periódico ulterior, o *Diário Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia &c* (Lisboa, 1764), e novas publicações da sua autoria, darão sobejo e eloquente testemunho da pertinácia do seus propósitos renovadores no campo da ciência médica, nomeadamente como entusiasta discípulo de Boerhaave: *Reflexões Críticas sobre os Escriutores Chirurgicos de Portugal*, Salamanca, 1752; *Practicante do Hospital Convencido, Dialogo Chirurgico sobre a Inflamação*, Porto, 1756; *Orações académicas* (Porto, 1760-65); *Memórias chronológicas e críticas para a história da cirurgia moderna*, Lisboa, 1779.

Novas animosidades e rivalidades pessoais, para além da morte do metropolitano bracarense, príncipe protector, ocorrida a 3 de Junho de 1756, terão sido golpe fatal no processo de desagregação da *Portopolitana*. Sem

<sup>2</sup> Maximiano LEMOS, *História do Ensino Médico no Porto*, Porto, Tip. a Vapor da Enciclopedia Portuguesa, 1925, 4-5.

<sup>3</sup> Manuel Gomes de LIMA, *Memorias Chronológicas e criticas para a Historia da Cirurgia*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1779, 81.

desfalecimento, em 1759, Lima Bezerra, como fundador, aparece-nos ligado a nova iniciativa, a *Real Academia Cirúrgica Portuense*, que visava fazer renascer, nos seus objectivos primigénios, as anteriores sociedades. Nesta agremiação, o nosso autor, que de novo tomou parte activa na redacção dos respectivos estatutos, foi «director e consultor de Anatomia Teórica».

O ânimo deste «estrangeirado» das «luzes» europeias não se resignava nem desarmava, apesar de desabafar: «Quando eu olho para o feliz estado em que se acha a Cirurgia de França e vejo o abatimento a que se vê reduzida a Cirurgia da minha pátria, totalmente me entristeço». O seu “apostolado cívico” dirigido aos praticantes de cirurgia teria de ir sempre no mesmo sentido:

Sahir da Escola sabendo ler e escrever mal; aprender a sangrar sem conhecimento nem methodo; estudar desordenadamente o Ferreira [António Ferreira, *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a Cirurgia*, Lisboa, Domingos Carneiro, 1670, e *ibi*, Valentim Costa Deslandes, 1705, obra “clássica”, exarando imperfeitas noções anatómicas]; andar três annos em hum Hospital e examinar depois em Cirurgia, não he o que basta para a saber bem. Deves saber Latim, História Natural e a Economia do Corpo Humano, se queres ser verdadeiro Cirurgião.

Para dar este conselho, Lima Bezerra apelava para as «Leis do Reino», particularmente para o *Regimento do Doutor Cirurgião-Mor*, prevendo que o *praticante* que não soubesse latim não fosse admitido a exame de cirurgia, e outrossim para o decreto de D. João V ordenando que ninguém fosse aprovado em Lisboa, sem constar que tinha aprendido «Anatomia Especulativa e practica»<sup>4</sup>.

Perante tão desconfortável panorama, Lima Bezerra vai ao ponto de atribuir aos hábitos de paz do reino boa parte do seu incompreensível desinteresse pela cirurgia. Milícia e cirurgia andariam juntas: ambas necessitariam «de valor, de indústria, de sofrimento, de ferro e de fogo»<sup>5</sup>.

Citando o *Suplemento ao Teatro Crítico* do Padre Benito Jerónimo Feijóo, Lima Bezerra mostra concordar plenamente com o «ilustríssimo» beneditino ao apontar o dedo às causas sociais: enquanto nas sociedades ibéricas se rodeava de bom salário, preocupação selectiva e consideração social a pessoa do médico, o mesmo não costumava acontecer com a pessoa do cirurgião, muito próximo ainda à condição de oficial de um ofício mecânico...

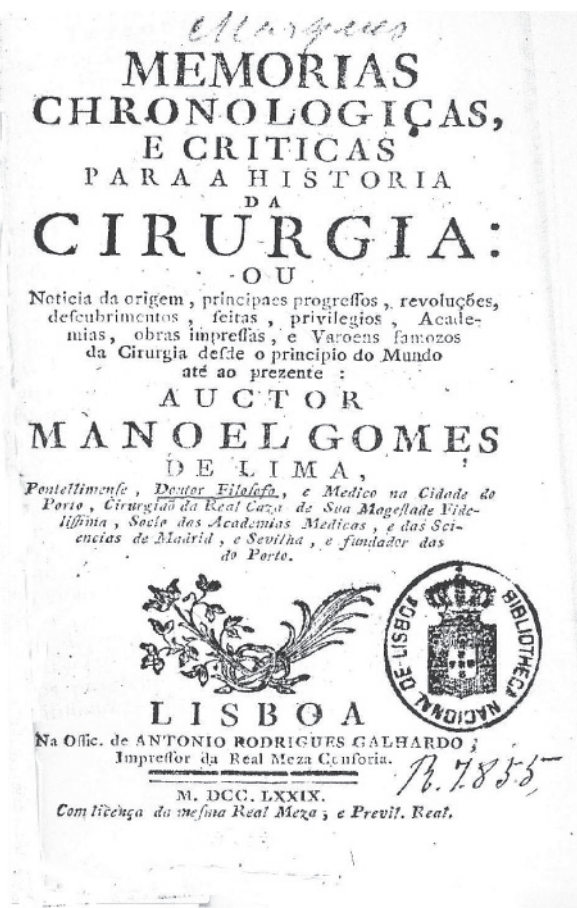
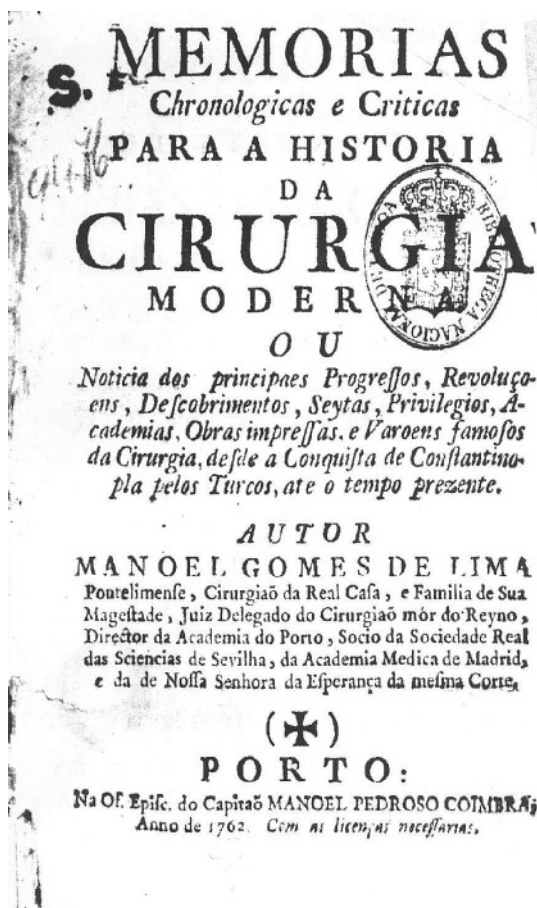
Evocando a História da Antiguidade e a História Moderna de França, Lima Bezerra mostra toda a consideração e favores tradicionalmente recebidos pelos cirurgiões. Ambroise Paré (Pareo), cirurgião de Carlos IX, e Jacob Beissier, cirurgião-mor dos exércitos de Luís XIV, são, entre outros, dois exemplos apresentados de uma mesma atitude política de dignificação e nobilitação social que não deixaria de estar recheada de consequências no efectivo progresso desta ciência aquém Pirinéus, se aqui fosse também resoluta e corajosamente abraçada.

Entre os ambiciosos objectivos concretos da Real Academia Cirúrgica Portuense contavam-se: a feitura de um compêndio de Anatomia e outro de Cirurgia, a publicação sistemática das «memórias» apresentadas no seu seio, a abertura de aulas de anatomia, de cirurgia e de obstetrícia, a construção de um teatro anatómico devidamente apetrechado para proficiente estudo da anatomia, e ainda o envio de um anatomista a Paris ou a Montpellier, a expensas da sociedade, para complemento de estudos, actualização e aperfeiçoamento de preparação científica. Em suma: neste campo específico, como em outros, estamos diante de um temporão apologeta e autêntico campeão de ideias reformadoras que esperavam ainda pela consagração oficial dos novos estatutos da Universidade de Coimbra de 1772...

<sup>4</sup> *O Practicante do Hospital Convencido*, Porto, Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1756, Prologo, 2-3

<sup>5</sup> *O Practicante do Hospital Convencido*, 3.





Rostos das *Memorias Chronologicas e Criticas para a Historia da Cirurgia* (Modernidade e Antiguidade), Porto, Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1762, e Lisboa, Of. de António Rodrigues Galhardo, 1779, respectivamente.

Em sintonia com o escol estrangeirado português e ibérico, não admira minimamente que Lima Bezerra reedite a ideia de que o cirurgião deveria ser – e ser visto – como um «médico operativo», dextro e «perfeitíssimo anatómico», como não surpreende a constância das mais significativas autoridades bibliográficas com que à moderna cirurgia também se refere Verney no *Verdadeiro Método de Estudar*, com particular destaque para o omnipresente Herman Boerhaave e seu discípulo Gerardo Van Swieten.

Contando já 37 anos, Gomes de Lima matriculou-se em 1764 na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, sujeitando-se com gosto «aos estudos Escolásticos da Universidade», e – sempre na sua expressão – distraindo-se «hum pouco da lição dos Authores de observação e de prática (que são aquelles, onde se encontra a verdadeira Medicina), porque não podia por outro caminho adquirir licenç. para exercitar juntamente todas as partes da arte de curar», conforme o estatuído nas Leis do Reino. No entanto, por provisão régia de 7 de Janeiro do ano seguinte, foram-lhe concedidos três anos para fazer os actos de Medicina e se graduar, pelo que pôde receber o grau de bacharel a 16 de Junho de 1765, concluindo a sua formatura a 13 de Maio de 1767.

Terminado o curso, regressou ao Porto, exercendo aqui a clínica até 1797, período no qual presidiu também a júris de exame de candidatos a sangrador e cirurgião, na qualidade de Juiz Comissário de Cirurgia. Em 1798 já Manuel Gomes de Lima se havia retirado do Porto, vivendo em Ponte de Lima, «sua pátria».

Pelo seu prestígio, grande notoriedade social e reconhecido amor à terra natal, tem grande significado, a todos os títulos, a eleição de Lima Bezerra para sócio honorário da *Sociedade Económica dos Bons Compatriotas Amigos do Bem Público de Ponte de Lima*. Esta benemérita instituição, erigida em 1779 por um notável grupo de limarenses cultos, instigado pelo Corregedor da Comarca de Viana, Manuel da Silva Baptista de Vasconcelos, e gozando do alto patrocínio do Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, propunha-se, dentro do espírito da ilustração, e a exemplo da acção desenvolvida pelas «sociedades económicas dos amigos do país» espanholas, estimular o fomento regional, divulgando o ensino de conhecimentos úteis, com especial relevo para projectos concretos a acalantar nos domínios do desenvolvimento agrícola, da indústria popular e da animação dos circuitos comerciais.

Um ano após a aprovação régia dos *estatutos* desta «sociedade», já Lima Bezerra, em nome dela, redigia uma *memória* dirigida à Academia das Ciências de Lisboa.

Tendo a Academia Real das Ciências de Lisboa sido criada alguns meses após o início das actividades da sociedade limiana, logo o nosso autor se viu honrado com a sua nomeação como «*corresponçal*» daquela academia. Se, no entender de alguns dos primeiros e mais representativos «Amigos do Bem Público de Ponte de Lima», estas duas instituições, filhas de importantes princípios comuns, deveriam estar, institucional e operativamente ligadas, na prossecução dos respectivos fins, desde logo Lima Bezerra aparecia como promissor sinal e garantia, na sua pessoa, de tal ligação.

Com efeito, como facilmente se constatará da sua leitura, em *Os Estrangeiros no Lima* (2 tomos, Coimbra, 1785 e 1791), obra dedicada ao Presidente e Sócios da Real Academia das Ciências, e concebida como forma de o autor satisfazer, perante esta prestigiosa agremiação, as obrigações resultantes da sua condição de *correspondente*, de mistura com grandes tópicos do debate intelectual das cultura das «luzes», do período de D. Maria, voltam a aparecer-nos os temas da educação e do fomento da indústria popular, e do incremento da agricultura e do comércio, questões sobre as quais se debruçava Lima Bezerra, enquanto membro da sociedade económica limiana. Não surpreende pois, minimamente, se nas páginas de *Os Estrangeiros* encontramos largo espectro de ideias reformadoras então em grande voga e aceitação no seio da Academia das Ciências.

Na leitura desta obra, torna-se-nos também evidente que não é circunstancial ou acidental a referência expressa feita à Sociedade de Ponte de Lima, «a primeira Sociedade Económica do Reino»<sup>6</sup>, pois no referente à agricultura, ao comércio e à indústria popular, inculcam-se algumas directrizes concretas, em curso no terreno de actuação desta *sociedade*. Nestes domínios, bem como nas doutrinas sobre a população, e na explicação global dos mecanismos económicos, o autor manifesta um fisiocratismo de acordo com a inspiração então dominante nas pujantes sociedades económicas espanholas. São altamente significativas, a este título, as referências várias a Campomanes, a Floridablanca, a Jovellanos, ou aos prelados espanhóis protectores da agricultura.

Reformisticamente pugnano contra os «estorvos» culturais e institucionais à «prosperidade» do reino, como era de esperar, vamos ver Lima Bezerra defender uma nobilitação das burguesias e um aburguesamento das nobrezas lusas, tendo por base um conceito de honra ligado à ideia de mérito pessoal e de iniciativa individual benemerente do interesse público. Tal conceito, socialmente reconhecido pelo estado, tornar-se-ia importante estímulo político ao desenvolvimento das ciências, das artes e das indústrias, ou seja, à prosperidade e felicidade súbditos da coroa portuguesa.

<sup>6</sup> Manuel Gomes de Lima BEZERRA, *Os estrangeiros no Lima*, Coimbra, Real Officina da Universidade, 1785, t. I, 18-19.

Como é evidente, Manuel Gomes de Lima Bezerra não iria desperdiçar a oportunidade que esta obra lhe oferecia para fazer mais uma apologia a favor da dignificação social dos «professores» da cirurgia. No Diálogo V da Segunda Parte do Volume II de *Os Estrangeiros no Lima* (145), a propósito da família Alfaro, Gomes de Lima lembra o brasão de armas dado por D. Manuel I a Mestre Diogo Alfaro, médico e cirurgião da casa do dito rei, na qual tinha «uma moradia superior à de muitos nobilíssimos fidalgos das casas do reino», ou a honra feita a Mestre Gil, seu cirurgião da câmara, a quem deu carta de brasão de armas. O excuro permite-lhe enumerar outros exemplos passados, da primeira e segunda dinastias, mas também recentes e actuais, «sendo na Ordem Médica Fidalgos Cavaleiros da nossa Casa Real José Rodrigues de Abreu, Manuel Dias Ortigão, António da Costa Falcão e Christovão Vaz Carapinho, e na dos Cirurgiões António Soares Brandão, que, «além de Fidalgo Cavaleiro da Casa do Senhor Rei D. José I», fora «por este grande Rei feito Cirurgião Mor dos seus exércitos, com patente de Coronel de Infantaria», o que tudo provava «que nos tempos antigos, como presentemente», eram «os Médicos e os Cirurgiões enobrecidos e honrados neste Reino» quando tinham «merecimento e sabedoria» (*ibid.*, 150).

Como se sabe, apesar de projectado em grande, *Os Estrangeiros no Lima* não viriam a contar os doze tomos desejados e anunciados pelo seu autor. Os «diálogos», instrutivos e doutrinários, concebidos à maneira dos do Padre Teodoro de Almeida, apesar de repletos do “engodo” de curiosidades arqueológicas, históricas e genealógicas, não foram capazes de mobilizar pessoas e instituições para o envio de suficientes «notícias» e «memórias» de arquivo ao autor. De resto, após a publicação do tomo I, a *Sociedade Económica dos Amigos do Bem Público de Ponte de Lima* sufocava, estrangulada por graves problemas financeiros. Por então, Lima Bezerra queixava-se, compreensivelmente, do pouco tempo que lhe sobrava das suas obrigações...

Os cinco «homens de letras» (inglês, francês, italiano, espanhol e português) figurados nestes diálogos simbolizam o que de mais culto e cosmopolita tinha então a Europa para um intelectual luso, desejoso de «introduzir no comum dos seus nacionais» o «gosto das Belas Artes», e ideias mais progressivas relativamente às actividades produtivas e ao comércio.

Apesar de toda a liberdade crítica alardeada, crendo-se e regozijando-se por ser súbdito de uma monarquia limitada por «leis fundamentais»<sup>7</sup>, Lima Bezerra sempre manifestou, com coerência e sinceridade indubitáveis, grande respeito à «religião» e ao «trono», uma vez que, segundo entendia, nada caracterizaria melhor os homens de letras «que o epíteto de bons cristãos e vassalos honrados».

Embora na parte final do seu trajecto biográfico tenha estado retirado da vida pública, tendo-se deixado identificar, ao longo duma multímoda e operosíssima existência, sucessivamente, com as «luzes» oficiais de cada reinado, Manuel Gomes de Lima Bezerra nunca foi, propriamente, em qualquer ocasião, esquecido e desconsiderado pelo poder, ainda que o mesmo se tenha revelado parco em honras, uma vez que, objectivamente, ele era merecedor dos mais altos galardões com que o estado podia, então, galardoar o mérito. Por portaria de 20 de Março de 1797 era nomeado Médico de Número da Casa Real, e, passados sete anos, era agraciado com o simples Hábito de Cristo, distinção esta bastante comum no Portugal de Antigo Regime.

Recompensa modesta, de reduzida exemplaridade, se atendermos ao grande activo do pioneirismo da sua acção em prol da qualificação do ensino das ciências médica e cirúrgica no reino, e, particularmente, ao encorajamento por si expressamente dirigido ao poder político para que fizesse destas mercês e agraciamentos um poderoso estímulo à dedicação dos «praticantes» vindouros. O critério de parcimónia com que o poder político administrou o seu vasto capital de mercês será certamente muito significativo das limitações de ambição das «Luzes» portuguesas. De qualquer forma, na lógica do discurso ilustrado, além dos devidos às

<sup>7</sup> cf. Diálogo 2.º, 38-41

gradações escolares, os proveitos de honra e consideração social, oficialmente consagrados, perfilavam-se como incontornáveis instrumentos na dignificação do exercício da medicina e da cirurgia. Tudo isto se documenta com bastante clareza neste exemplo aqui brevemente evocado na revisitação da obra de Manuel Gomes de Lima Bezerra.

Este grande cirurgião e académico resolveu gozar os ócios finais da existência regressando à terra natal. Recolhado à tranquilidade da sua Quinta do Outeiro, adquirida por compra em 1790, no lugar da Oliveira, freguesia de Fornelos, passou a beneficiar do prestígio da propriedade fundiária, fazendo vida nobre numa das mais belas e aristocráticas vilas de Portugal.

Faleceu a 6 de Março de 1806. Foi sepultado na capela da Senhora da Luz, da freguesia de Arcozelo, conforme disposição testamentária.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, António Alberto, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, Universidade, 1966.

ANDRADE, António Alberto, «Uma Academia Científica Luso-Espanhola, antes da expulsão dos Jesuítas», *Brotéria*, 40 (1945), 619-636.

AMZALAK, Moses Bensabat, «Os estudos económicos de Manuel Gomes de Lima Bezerra», *Anais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras*, 28 (1959), 49-50.

AMZALAK, Moses Bensabat, *A Sociedade Económica de Ponte de Lima (Seculo XVIII). Apontamentos para a sua história*, Lisboa, Editorial Império, 1950.

BARRAS DE ARAGON, Francisco de las, «Noticia de varios documentos referentes a las relaciones científicas sostenidas entre las academias de Oporto y Sevilla en el siglo XVIII», *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, Congreso de Oporto*, 1.VI, Madrid, 1921, 115-123.

BARRAS DE ARAGON, Francisco de las, «Los estudios anatomicos durante el siglo XVIII en la Sociedad Regia de Medicina y demás ciencias de Sevilla», *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, Congreso de Bilbao*, 1.II, Madrid, 1919, 71-119.

BORRALHO, Maria Luísa Malato, «O mito do legislador numa academia luso-espanhola», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 0 (2003), 401-412.

GUSMÃO, Armando Nobre de, *Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, vol. II, Évora, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1945, e vol. III, Évora, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1946.

LEMOS, Julio de, *O Limianista Doutor Lima Bezerra. Esboço bio-bibliográfico*, Coimbra, Coimbra Editora, 1948.

LEMOS, Maximiano, *Historia da Medicina em Portugal, Doutrinas e Instituições*, Lisboa, Manoel Gomes Ed., 1899, vol. II.

LEMOS, Maximiano, *A Medicina em Portugal*, Porto, Imp. Commercial, 1881.

LEMOS, Maximiano, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, Tip. A Vapor da Enciclopedia Portuguesa, 1916.



LEMOS, Miguel Roque dos Reys, *Estudo para os Anais Municipais de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, Imp. da Câmara Municipal, 1936.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica*, Lisboa Occidental, Officina de Ignacio Rodrigues, vol. III.

MONTEIRO, Hermâni, *Origens da cirurgia portuense*, Porto, Araújo & Sobrinhos, 1926.

SILVA, Inocencio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 5, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860.

TAVARES, Pedro Vilas Boas, «Experimentalismo, iluminismo e fisiocratismo na obra de um cirurgião moderno», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série Línguas e Literaturas*, 5, t. 2 (1988), 517-545.